

# **RACIALIZAÇÃO E SEXUALIZAÇÃO NAS PERFORMANCES DE MASCULINIDADES DE JOVENS HOMENS NEGROS NO CONTEXTO DA ESCOLA PÚBLICA RÔMULO GALVÃO – SÃO FÉLIX – BA**

Júlio César Cerqueira Araújo

*Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. juliocesarcerqueira@gmail.com*

## **Resumo**

Este artigo tem como objetivo investigar tensões sociais a partir das masculinidades de jovens homens negros no contexto da escola pública, a investigação está vinculada ao projeto de pesquisa Brincadeira de Negão - BN (PIBIC 2015-2016) desenvolvido no Colégio Estadual Romulo Galvão - CERG na cidade de São Félix-BA. Subsidiada pelos estudos de raça e masculinidades, buscando consolidar um referencial teórico emancipatório, sendo os resultados obtidos oriundos da investigação antropológica direcionadas pelo método etnográfico interpretativista utilizando a observação participante e outros métodos qualitativos, ao exemplo de grupos focais - GF, entrevista semiestruturada, rodas de conversa. Onde foi possível constatar que as representações e simbologias atreladas a corporeidade do homem negro estão presentes nas suas percepções subjetivadas pela ação de suas agências, negociando e reposicionando categorias, reconfigurando a realidade social do contexto da escola. Ficando evidente que a ação subjetiva desses sujeitos na desconstrução da masculinidade hegemônica tensiona as estruturas normativas, produzindo outros significados a partir da desrepresentação do sujeito masculino racializado.

**Palavras-chave:** Jovens homens negros, Escola, Masculinidades.

## **Introdução**

Cabe aqui apresentar os elementos que construíram a estrutura desta pesquisa que buscou investigar masculinidades de jovens homens negros, no contexto do Colégio Estadual Rômulo Galvão, situado em um bairro periférico do município de São Félix no Recôncavo da Bahia. Trata-se de uma escola com aproximadamente 500 alunos, entre jovens e adultos, oriundos dos bairros do entorno da escola e da cidade irmã, Cachoeira,

A pesquisa foi desenvolvida com jovens estudantes homens do turno matutino autodeclarados negros com idades entre 16 e 24 anos, e com os demais agentes sociais na escola, professores, direção e funcionários de apoio. Sendo o objetivo central da pesquisa a investigação das tensões existentes na cena do contexto escolar na relação com masculinidades de jovens homens negros tendo como objetivo específico descrever, através do exercício etnográfico a cena das inter-relações sociais e a agência de corpos de jovens homens negros na escola, analisando suas práticas discursivas e de representação de forma que possamos interpretar essas representações e estratégias de resistências numa estrutura institucional normativa.

A problematização proposta pela investigação está elaborada nas representações acerca do corpo do homem negro e de como essas representações classificam e categorizam elegendo identidades fixas para sujeitos expectativamente construídos, como em Fanon (2009), e de como suas masculinidades atuam no contexto de uma instituição normativa ao exemplo da escola, de forma que suas agências (GIDDENS, 2003) possibilitam transformação. A elaboração das hipóteses aponta-nos que a representação como um elemento objetivo, que construído a partir de concepções históricas racializadas e sexualizadas aloca o corpo do homem negro em modelos de masculinidade padronizada, negligenciando suas subjetividades, suas percepções, modo de falar e agir (OTNER, 2007) atrelados a representação da marca da raça como mecanismo de subordinação, tornando performances de masculinas jovens homens negros, como práticas lineares naturalizadas. Todavia a agência desses corpos produzem significados diversos que são influenciados por fatores externos que em consonância com as realidades na escola desdobram-se em posicionamentos diferenciados que possibilitam agenciamento a partir das ações transformadoras desses sujeitos representados de forma estereotipada, utilizando suas identidades de masculinas para reposicionar e tensionar as relações sociais na escola, seja pela incorporação da norma como via de negociação ou na ação subjetivada provocando conflitos e mudanças no contexto social.

### **1 Representações sobre Ser Homem e Ser Negro: Uma análise das práticas discursivas dos agentes sociais na escola.**

As interpretações das vivências de jovens homens negros na escola me permitiu analisar de forma interpretativa os discursos dos agentes alocados na cena do contexto social da escola (GIDDENS, 2003) de forma que as percepções desses jovens enquanto homens negros, convivem com a representação construída sobre as suas performances corporais, que circunscreve e delinea modos de agir, falar e se posicionar como em Bourdieu (2002). Sendo a compreensão dessa discursividade subsidiada pelo pensamento de (SOUZA, 1983) quando relaciona o MITO NEGRO a um discurso, com falas estruturadas que instauram uma naturalidade as essas práticas enunciadas e evidenciadas de forma simbólica constituindo de forma singular o “o problema negro” de forma que escamotear essas representações legitimam discursos e representações em forma de realidade naturalizada.

Sendo importantes a descrição interpretativa em (GEERTZ, 2008) posicionando o corpo do homem negro de forma simbólica, no contexto escolar de forma que conseguimos dissociar padrões de masculinidades e sua relação com a raça, com base na formação estrutural proposta por Bourdieu (2008) no conceito de Habitus quando discute a produção de elementaridades sobre os corpos destes

sujeitos para traduzir através da objetividade coercitiva classificações que aparentemente poderão conduzir uma suposta uniformidade, mas que divergem das realidades subjetivas conformando homens negros em representações classificatórias e que reproduzem “estilos de vida” alinhados a diferença onde, jovens homens negros precisam desempenhar um habitus estrutural condizente garantindo um status enquanto “verdadeiros homens” como salienta Souza (1983). Essa estruturação é percebida quando o habitus corporal masculino é confrontado com outros marcadores sociais, ao exemplo da raça, passando a se distinguir, restando a masculinidade do homem negro a subalternidade, Bourdieu (2008) salienta que:

Necessidade incorporada convertida em disposições geradoras de práticas sensatas e de percepções capazes de fornecer sentido às práticas engendradas, dessa forma, o habitus enquanto disposição geral e transponível, realiza uma aplicação sistemática e universal estendida para além dos limites do que foi diretamente adquirido, da necessidade inerente às condições de aprendizagem: E o que faz com que o conjunto das práticas de um agente – ou do conjunto de agentes que são o produto de condições semelhantes - são sistemáticas por serem o produto da aplicação de esquemas idênticos ou mutuamente convertíveis – e, ao mesmo tempo, sistematicamente distintas das práticas constitutivas de um outro estilo de vida (BOURDIEU, 2008, p.163)

Essa sistematização elaborada de forma universal transpõe a masculinidade de homens negros quando os posicionam na esfera das estruturas sociais a partir da classificação da diferença homens brancos X homens negros. O meu argumento, problematiza a condição de ser um jovem negro homem na escola, buscando perceber como a estrutura escolar e seus agentes atuam a partir das representações e das diferenças e de como esses rapazes se percebem enquanto sujeitos inseridos naquele contexto.



*Atividade no Grupo Focal*

Início o GF como método investigativo utilizando dois clipes para problematizar modelos de masculinidades e representações sobre raça. Prossigo alertando para que observem atentamente os dois vídeos clipes de nome “Nossa Cor” e “Negro Lindo” respectivamente, duas músicas do cantor de pagode baiano, Léo Santana, e que justamente dialoga com a abordagem relacionada as identidades negras na Bahia. O primeiro clipe de forma mais ampla e coletiva, retrata identidades do povo negro da Bahia e seus aspectos culturais, talvez por isso o nome “Nossa Cor” e o segundo nomeado como “negro Lindo”, o negro dito “empoderado” descreve o modelo estrutural de masculinidade focada na expectativa para o homem negro, cercado de luxo, mulheres, um corpo negro representado pela ostentação e ascensão de bens materiais e ao consumo . Percebo que durante a exibição dos vídeos clipes os rapazes interagem com a música, é perceptível no balanço dos seus corpos sentados nas cadeiras, numa palma ritmada, acompanhada pelo coro da letra das músicas.



*Imagem 3. Frame retirado do Clipe Nossa Cor de Léo Santana*  
*Imagem 4. Frame retirado do Clipe Negro Lindo de Léo Santana*

É importante salientar que a finalidade deste GF é interpretar e evidenciar as percepções desses jovens homens negros, onde a utilização de vídeos clipes de pagode baiano, propõem se aproximar das suas realidades. Tendo em vista que o pagode atua na dinâmica social desses rapazes como fica evidenciado nas minhas observações na escola e que dialogam com as considerações de OLIVEIRA (2015) quando retrata os fatores relacionais com o cotidiano de homens negros, criando categorias nativas a partir desse ritmo musical. As realidades empíricas desses jovens homens negros perpassam por diversos elementos que convergem quando tratasse de perceber -se enquanto sujeitos inseridos no contexto escolar, marcados com uma especificidade identitária desencadeada com a racialização, como ficando evidente na fala de um dos sujeitos investigados:

Rapaz 1 - *Aqui no colégio é tranquilo. Porque na maioria são negros. Não tem essa questão de desigualdade, entendeu? Mas no caso, um exemplo, a gente de um colégio público for pra uma*

*unidade de escola particular ... Não é mais aquela convivência, entendeu? Nunca é igual. As pessoas olham diferente.*

As possibilidades propostas por essa afirmação deflagram a marcação da diferença que legitima a identidade a partir da relação com a raça quando utiliza a frase “na maioria são negros” para localizar uma maioria de jovens homens negros pertencentes àquela instituição escolar, Silva (2009) aponta que: “a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença” (SILVA, 2009, p 75 - 76) resultado de produção simbólica e discursiva . A expressão “Todo mundo aqui é misturado”, sendo questionadora as problematizações acerca da presença de jovens homens negros na escola, quando homogenizam suas relações naquele contexto, visto que no processo de observação percebo que essa homogeneidade parece não se sustentar quando comparadas com outras discursividades, tais afirmações se desenham a cada questionamento meu no campo.

Mediador - *Então aqui no Rômulo Galvão não existem grupos diferenciados, tipo: meninos que andam somente com aqueles meninos e outros que não andam?*

Rapaz 2 - *Na verdade o caso nem é isso, porque ... não vem da gente ... vem das pessoas, né? ... tipo: já tão avançado que a gente. Tipo: mais velhos vem mais deles do que da gente. Tem gente que aprende com eles a discriminar “ah aquele menino ali oh, andando daquele jeito ali com aquele cabelo assim, é vagabundo”. Outra pessoa vê e diz: é vagabundo. Ai começa.*

A partir dessa fala percebo, uma descrição de elementos que atuantes na cena do contexto escolar, estruturam vias de classificação a partir de características compreendidas como impróprias ao exemplo de “andando daquele jeito” “com aquele cabelo” “é vagabundo” e que nos atesta que no contexto social do CERG alocam-se tensões sociais vivenciadas na permanência e interação sociais na escola , que se confirmam a cada relato desenvolvido a partir das experiências desses jovens.

Rapaz 3 – *Pelo fato de o dia a dia do nosso Brasil ser assim, na parte dele, ele tá falando uma coisa que é real pelo fato de ele não ter um cabelo ... ou seja, criar cabelo, pelo fato dele ser aquele menino, vamos supor que pra ele, numa hipótese, que pra ele seja um menino exemplar.*

Mediador - *e o é o menino exemplar?*

Rapaz 4 – *Um menino exemplar é aquele menino que é uma pessoa que não dar lugar a ninguém falar. Porque, mesmo você não dando lugar a ninguém, sempre falam. Aquele menino que sempre cumpre suas obrigações. Quer dizer, aqui o fato é esse.*



Ora, ao que parece ser jovem “exemplar” ocasiona não estar inserido em nenhuma dessas características estéticas e pessoais. Essas características transitam entre os alunos que evidenciam suas identidades a partir de elementos que padronizados utilizam cabelos aparados ,não fazendo alterações nos seus fardamentos ,estando em conformidade com as normas da escola .

Rapaz 5 – *pelo fato de você criar cabelo, você é discriminado, pelo fato de você fazer um corte na sobancelha, você é discriminado.*

Atrelado a isso, na sua maioria, os rapazes afirmam que não se encaixavam nos padrões dos meninos exemplares, mas o que tudo isso tem a nos dizer?, Volto a recorrer as representações da raça, indagando sobre quais rapazes e quais ações serão consideradas exemplares, sendo relevante descrever esse estigma construído pelas marcas da racialização destacando a percepção de um desses jovens.

Rapaz 6 – *Isso. Eu acho normal, mas tem gente que olha com outros olhares diferentes, entendeu? Já discriminando. Tipo assim: se eu não fizesse nada de errado que era tipo: 90% de possibilidades de ser suspenso, já ele com 10% [aponta para o colega com a cabeça raspada].*

Essa descrição, elucida as tensões produzidas pelos repertórios normativos que atuam sobre o homem negro de forma que os condiciona a ser reconhecido como “exemplar” quando reproduz um habitus estrutural (Bourdieu, 2008) a partir de normas propostas pela estrutura da escola. Pinho (2004) enfatiza que “antes de tudo, o homem negro é representado como um corpo negro, [...]. Paradoxalmente, esse corpo é configurado de forma alienada, como se fosse separado da autoconsciência do negro” (PINHO, 2004, p 67). Essa definição ajuda-nos a pensar o corpo do homem negro inserido nestes contextos institucionais como algo que precisa ser reinventado para que possa exercer permanência e existência concreta num trânsito tensionado em vias subordinadas.

Possuir a corporeidade de um Negão e não desenvolver um habitus operante é justamente subverter uma regra coercitiva cultural e histórica inculcada pela representação da marca vulnerabilizada da raça, quando enquadra sujeitos em categorias objetivadas construindo uma representação de masculinidade fixa e cristalizada, responsável por reconfigurar as práticas racistas nas relações sociais, ao exemplo da sociedade brasileira com seu modelo de racismo multifacetado que atua sobre os corpos de indivíduos categorizando e classificando previamente suas ações e suas agências no meio social quando não atuam em conformidade com a norma.

De modo que problematizar a expectativa racializada da escola sobre os corpos desses jovens aponta-nos para a abstração formulada para esses corpos enquanto posição subalternizada.

Mediador - *O que a escola espera do comportamento de vocês enquanto jovens homens negro?*

Rapaz – *Há sempre a expectativa que você vá fazer algo errado ...*

Rapaz – *Não vai dizer que é só no colégio que você tem discriminação.*

Rapaz – *A gente quer dizer que não é no cotidiano escolar*

Rapaz - (...) *O preconceito sempre vai existir em todas as partes*

O que nos possibilita afirmar que as estruturas das relações na escola estão permeadas com representações e categorias que aloca sujeitos em escalas de desigualdade a partir da sua Raça, ser um jovem homem negro implica em ter atributos e performances que traduzam representações que comunguem com os padrões sociais normativos propostos pela escola, já que expectativamente, compreende-se esses sujeitos relacionados a representação subalterna da Raça, sem estabelecer um diálogo com suas subjetividades, fixando um único modelo de masculinidade como nos alerta Faustino (2015).

Assim como não ha uma única masculinidade, não há uma única masculinidade negra, mas é pertinente alertar para o fato de que, embora existam negociações e subversões de toda ordem, o exame da “norma” abre-nos a possibilidade de uma agência menos ingênua da própria trajetória (FAUSTINO, 2015, p 77)

Essas “negociações” desembocam na manutenção das estruturas de poder que nas suas minúcias atuam sobre esses sujeitos reconfigurando relações sociais, que perpetuadas com a cristalização da norma produzem sobre as trajetórias desses jovens homens mecanismos que os aloca em posições sociais marcadas pela diferença e discriminação. Vejamos:

Rapaz – *na minha visão, mesmo a gente cuidando todos aqueles motivos pra não ser malvisto, sempre vai ter aquele que vai olhar você com...*

Rapaz – *independente de tudo aquilo que a gente tentar fazer pra melhorar*

Rapaz – *nesse país!*

Rapaz – *Isso é nesse país, porque lá nos Estados Unidos o prefeito é o quê? (corrige-se) O presidente é o quê?*

Rapaz – *o presidente é negro lá, mas você acha que um ou dois também não discrimina ele pelo fato de ser branco querer tá no poder, ver um negro que tá lá?*

Para além das percepções contidas nas relações sociais na escola esses rapazes se percebem enquanto sujeitos, pertencentes a uma representação que os constrói com base na classificação do outro, a marca da diferença é caracterizada como a cisão que elabora sobre seus corpos ,

impregnada por atributos que delimitam e estabelecem as categorias para representar o corpo negro, ficando muito nítido na frase “o presidente é o que?” formulada por um dos jovens ao salientar que: trata-se de um chefe de Estado que na interpretação desses rapazes, apesar da posição de status e poder sofre com o estigma disseminado pela marca da racialização, onde através do racismo “nesse país” desde a diáspora a representação do corpo negro é disseminada de forma sexuada e criminosa como salienta (Pinho 2014), reconfigurando práticas racistas que se retroalimentam até os dias atuais, numa conjuntura social contemporânea (Hall, 2006) estruturada sob elementos de domínio e poder pelos processos da colonização e seus desdobramentos.

## **Conclusão**

Por fim tratar das agências de jovens homens negros no contexto escolar a partir de problematizações sobre a construção de suas identidades masculinas na relação com a escola é justamente descrever dois polos de posicionamentos distintos e inter-relacionados. O primeiro quando desempenha uma ação circunstanciada pelas condições propostas pelo campo tensionando sua inserção naquele contexto social na análise de suas regras e condutas, ao reformular sua prática a partir da “reflexividade”. E o segundo ponto a ação da estrutura externa do campo na inculcação do habitus e da socialização desse corpo que se condiciona as normas, condutas e ação em determinado contexto. A escola configurasse como esse campo estruturado produzindo significados fixos a partir das normatizações.

A reflexão proposta aqui aponta-nos para os efeitos da racialização sobre a corporeidade negra quando os obriga a cumprir repertórios elaborados sobre suas masculinidades reproduzindo um habitus estrutural em conformidade com a expectativa, que por sua vez é reconfigurada pelos elementos que inscrevem subjetivamente o lugar masculino desses jovens homens negros desestabilizando e desconstruindo essa identidade fixa e apresentando possibilidades diversas para construção das masculinidades (Connell, 1995), tornando-se jovens homens negros que transitam entre diversas possibilidades e “estilos de vida” (BOURDIEU, 2008) inscrevendo sobre seus corpos significados plurais, reestruturando e des-representando (PINHO, 2004) as expectativas sobre ser um jovem homem negro racializado.

Despatologizando o pensamento social, desassociando a traços estruturados anteriormente com condições fixas que estruturam as práticas racistas como propõe Fanon (2008): O



comportamento patológico é frequentemente apresentado como “autenticamente” negro. Caso um negro ou uma negra não se comporte como tais, seriam considerados “inautênticos”, o que resulta em uma confirmação da patologia (FANON, 2008, p 15)

Esse lugar patologizado pode ser detectado por um exame social quando nos posicionamos a interpretar relatos propostos nas discussões nos grupos focais a partir das falas e expressões emitidas pelos sujeitos, investigando uma estrutura que é pensada justamente para posicionar esses corpos em categorias fechadas um dos exemplos do patologismo, racial como regra estrutural hierárquica.

A escola será em sua estrutura um dos mecanismos de regulação e normatização atuando sobre as construções das identidades racializadas, sofrendo transformações a partir das agências dos sujeitos que atuam nas dinâmicas sociais na escola, quando esses se valem das suas subjetividades como ponto de resistência contra o racismo estrutural.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: Crítica social do julgamento**. São Paulo. EDUSP. 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 3 ed. Campinas: Papirus, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2 ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2002.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CECCHETO, Fátima. **Violência e estilo de masculinidade, cultura e poder**. Rio de Janeiro. FGV. 2004.

CONNELL, Robert W. e MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Disponível em: <

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>> Acesso em 08 de julho de 2016.

FANON, Frantz. **Peles Negras, Máscaras Brancas**. Salvador. EDUFBA. 2008.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Por que Fanon? Por que agora? Frans Fanon e os fanonismo no Brasil. Dissertação** (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) Universidade Federal de São Carlos. São Carlos SP. 2015.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. **In: A Interpretação das Culturas**. 1ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p.3-21.

GIDDENS, Anthony. **A construção da sociedade**. 2 ed. São Paulo. Martins Fontes, 2003.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?**. In: Tomaz Tadeu da Silva (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9ed. Petrópolis RJ. Vozes. 2009. p 103-131.

KIMMEL, Michael S. **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, ano 4. 9. P 103-117. Out. 1998.

OLIVEIRA, Gimerson Roque Prado. **“Barril Frenético”, Cartografando O Padrão: Diálogo Com A Masculinidade Negra**. Disponível em: <  
<http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2015/07/BARRIL-FREN%C3%89TICO-pdf.pdf>>  
Acesso em 31 de jul. de 2016.

ORTNER, Sherry B. Uma atualização da teoria da prática. In: In: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry. (Org.). **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas**. Blumenau: Nova Letra, 2007. p.19- 80. (25. Reunião Brasileira de Antropologia).

PINHO, Osmundo Araújo. **Raça: novas perspectivas antropológicas**. 2 ed. rev. Salvador : Associação Brasileira de Antropologia : EDUFBA, 2008.

PINHO, Osmundo. **Etnografia e Emancipação: Desafios Antropológicos na Escola Pública**. Disponível em: <  
[http://www.academia.edu/26063846/Etnografia\\_e\\_Emancip%C3%A7%C3%A3o\\_Desafios\\_Antropol%C3%B3gicos\\_na\\_Escola\\_P%C3%BAblica](http://www.academia.edu/26063846/Etnografia_e_Emancip%C3%A7%C3%A3o_Desafios_Antropol%C3%B3gicos_na_Escola_P%C3%BAblica)> Acesso em 07 de jun. de 2016.

PINHO, Osmundo. **Etnografias do Brau: corpo, masculinidade e raça na reafirmação em Salvador**. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(1): 216, jan/abril. 2005. P. 127-145.

PINHO, Osmundo. **Qual é a identidade do homem negro?. Democracia viva**. n 22. Jun/jul. 2004.

SILVA, Tadeu Tomaz da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: \_\_\_\_\_ (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9ed. Petrópolis RJ. Vozes. 2009. p 73-103.

SOUZA, Raquel. **Rapazes negros e socialização de gênero: sentidos e significados de “ser homem”**. Cadernos Pagu. Campinas SP. N.34. Jan/Jun. 2010.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Trad. Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Vozes, 1974.